

DOMINGO II DO TEMPO COMUM

CIC 462, 516, 2568, 2824: a vontade do Pai realiza-se em Cristo

462 A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

«É por isso que, ao entrar neste mundo, Cristo diz: “Não quiseste sacrifícios e oferendas, mas formaste-Me um corpo. Holocaustos e imolações pelo pecado não Te foram agradáveis. Então Eu disse: Eis-Me aqui [...] para fazer a tua vontade”» (*Heb 10, 5-7*, citando o *Sl 40, 7-9*, segundo os LXX).

516 Toda a vida de Cristo é *revelação* do Pai: as suas palavras e actos, os seus silêncios e sofrimentos, a maneira de ser e de falar. Jesus pode dizer: «Quem Me vê, vê o Pai» (*Jo 14, 9*); e o Pai: «Este é o meu Filho predilecto: escutai-O» (*Lc 9, 35*). Tendo-Se nosso Senhor feito homem para cumprir a vontade do Pai¹, os mais pequenos pormenores dos seus mistérios manifestam «o amor de Deus para connosco»².

2568 A revelação da oração no Antigo Testamento inscreve-se entre a queda e o levantar-se do homem, entre o doloroso chamamento de Deus pelos seus primeiros filhos: «Onde estás?»... «Que fizeste?» (*Gn 3, 9.13*), e a resposta do Filho único, ao entrar neste mundo: «Eis que venho, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade» (*Heb 10, 7*)³. A oração está assim ligada à história dos homens; é a relação com Deus nos acontecimentos da história.

2824 Foi em Cristo e pela sua vontade humana que a vontade do Pai se cumpriu perfeitamente e duma vez para sempre. Ao entrar neste mundo, Jesus disse: «Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade» (*Heb 10, 7*)⁴. Só Jesus pode dizer: «Faço sempre o que é do seu agrado» (*Jo 8, 29*). Na oração da sua agonia, Ele conforma-Se totalmente com esta vontade: «Não se faça a minha vontade, mas a tua» (*Lc 22, 42*)⁵. Eis por que Jesus «Se entregou pelos nossos pecados [...] consoante a vontade de Deus» (*Gl 1, 4*). «Em virtude dessa mesma vontade é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo » (*Heb 10, 10*).

¹ Cf. *Heb 10, 5-7*.

² Cf. *1 Jo 4, 9*.

³ Cf. *Heb 10, 5-7*.

⁴ Cf. *Sl 40, 8-9*.

⁵ Cf. *Jo 4, 34; 5, 30; 6, 38*.

CIC 543-546: acolher o Reino de Deus, acolher a Palavra de Deus

543 *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel⁶, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações⁷. Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»⁸.

544 O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4, 18)⁹. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (Mt 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes¹⁰. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome¹¹, a sede¹² e a indignância¹³. Mais ainda: identifica-se com os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino¹⁴.

545 Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17)¹⁵. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles¹⁶ e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (Lc 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

546 Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino¹⁷. Por meio delas, convida para o banquete do Reino¹⁸, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo¹⁹. As palavras não bastam, exigem-se actos²⁰. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou como terra boa?²¹ Que faz ele dos talentos recebidos?²² Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (Mt 13, 11). Para os que ficam «fora» (Mc 4, 11), tudo permanece enigmático²³.

⁶ Cf. Mt 10, 5-7.

⁷ Cf. Mt 8, 11; 28, 19.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁹ Cf. Lc 7, 22.

¹⁰ Cf. Mt 11, 25.

¹¹ Cf. Mc 2, 23-26; Mt 21, 18.

¹² Cf. Jo 4, 6-7; 19, 28.

¹³ Cf. Lc 9, 58.

¹⁴ Cf. Mt 25, 31-46.

¹⁵ Cf. 1 Tm 1, 15.

¹⁶ Cf. Lc 15, 11-32.

¹⁷ Cf. Mc 4, 33-34.

¹⁸ Cf. Mt 22, 1-14.

¹⁹ Cf. Mt 13, 44-45.

²⁰ Cf. Mt 21, 28-32.

²¹ Cf. Mt 13, 3-9.

²² Cf. Mt 25, 14-30.

²³ Cf. Mt 13, 10-15.

CIC 873-874: Cristo, fonte da vocação cristã

873 As próprias diferenças que o Senhor quis que existissem entre os membros do seu Corpo servem a sua unidade e missão. Porque «há na Igreja diversidade de ministérios, mas unidade de missão. Cristo confiou aos Apóstolos e aos seus sucessores o encargo de ensinar, santificar e governar em seu nome e pelo seu poder. Mas os leigos, feitos participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, assumem na Igreja e no mundo a parte que lhes toca naquilo que é a missão de todo o povo de Deus»²⁴. Por fim, «de ambos estes grupos [hierarquia e leigos] existem fiéis que, pela profissão dos conselhos evangélicos [...], se consagram a Deus de modo peculiar, e contribuem para a missão salvífica da Igreja»²⁵.

874 A fonte do ministério na Igreja é o próprio Cristo. Foi Ele que o instituiu e lhe deu autoridade e missão, orientação e finalidade.

«Cristo Senhor, para apascentar e aumentar continuamente o povo de Deus, instituiu na sua Igreja vários ministérios, para bem de todo o Corpo. Com efeito, os ministros que estão dotados do poder sagrado estão ao serviço dos seus irmãos, para que todos quantos pertencem ao povo de Deus [...] alcancem a salvação»²⁶.

CIC 364, 1004: a dignidade do corpo

364 O *corpo* do homem participa na dignidade da «imagem de Deus»: é corpo humano precisamente por ser animado pela alma espiritual, e a pessoa humana na sua totalidade é que é destinada a tornar-se, no Corpo (Místico) de Cristo, templo do Espírito²⁷:

«Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, na sua condição corporal, reúne em si mesmo os elementos do mundo material, que assim nele encontram a sua consumação e nele podem louvar livremente o seu Criador. Por isso, não é lícito ao homem menosprezar a vida do corpo. Pelo contrário, deve estimar e respeitar o seu corpo, que foi criado por Deus e que há-de ressuscitar no último dia»²⁸.

1004 À espera desse dia, o corpo e a alma do crente participam já na dignidade de ser «em Cristo». Daí a exigência do respeito para com o próprio corpo e também para com o corpo de outrem, particularmente quando sofre:

«O corpo [...] é para o Senhor. E o Senhor é para o corpo. E Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos há-de ressuscitar a nós pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? [...] Não sabeis que não pertenceis a vós próprios? [...]. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo» (1 Cor 6, 13-15. 19-20).

CIC 1656, 2226: ajudar os filhos a descobrir a sua vocação

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 2: AAS 58 (1966) 838-839.

²⁵ CIC cân. 207, § 2.

²⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 18: AAS 57 (1965) 21-22.

²⁷ Cf. 1 Cor 6, 19-20; 15, 44-45.

²⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 14: AAS 58 (1966) 1035.

1656 Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, «*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica»²⁹. É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada»³⁰.

2226 *A educação da fé* por parte dos pais deve começar desde a mais tenra infância. Faz-se já quando os membros da família se ajudam mutuamente a crescer na fé pelo testemunho duma vida cristã, de acordo com o Evangelho. A catequese familiar precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé. Os pais têm a missão de ensinar os filhos a rezar e a descobrir a sua vocação de filhos de Deus³¹. A paróquia é a comunidade eucarística e o coração da vida litúrgica das famílias cristãs; é o lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais.

²⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16; cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 21: AAS 74 (1982) 105.

³⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

³¹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.